



MOÇAMBIQUE

ASSISTE-SE na África Austral a uma intensa actividade diplomática, a que não é alheio o esforço de Pretória para liderar os acontecimentos e conduzi-los à sua maneira. Em debate estão os processos de paz em Moçambique, numa primeira fase, da Namíbia, e a própria evolução política da região.

Os contactos estabelecidos entre a resistência armada moçambicana e as autoridades de Maputo, por um lado, e os de Pretória com representantes da S. W. A. P. O., que luta pela independência da Namíbia, e com o Congresso Nacional Africano, oposição armada ao regime de "apartheid", decorrem em simultâneo com as primeiras eleições para mestiços e indianos sul-africanos.

Apesar de internacionalmente rejeitada a revisão da Constituição sul-africana, que permitiu as eleições — fortemente boicotadas — para aquelas minorias étnicas, o facto é que a sua realização constitui um indicio de que algo está a mudar na região, embora não com a celeridade que todos preconizam. Para quem está habituado à realidade política sul-africana, as eleições que ali decorreram podem ser encaradas como uma mentalização da opinião pública branca para a eventualidade de, num futuro relativamente próximo, ter de aceitar qualquer forma de expressão para a maioria negra.

Os contactos com representantes da Namíbia surgem em paralelo mas relacionam-se num contexto mais vasto da diplomacia sul-africana, que tem alcançado assinaláveis êxitos regionais, pecando apenas por utilizar a velha técnica da censura e do pau. Não cabe aqui perspectivar as consequências das propostas em jogo, mas o caso moçambicano, por ser até à data o mais transparente, não pode deixar de ser referido como o exemplo de como a vontade de sobrevivência de um povo ganha forças que não se compadecem com preconceitos ideológicos ou amarras doutrinárias.

Moçambique sofreu a independência. Pretória fez-lhe sentir na carne que ali, e com os meios de que dispõe, a África do Sul é uma potência regional, que terá durante muito tempo a última palavra a dizer. Maputo compreendeu-o e assinou os Acordos de Incomati, sem que se lhe pudesse apontar a vergonha perante a capitulação face ao mais forte. A resistência armada perdeu um fornecedor, mas tem mantido uma actividade guerrilheira que perturba a recuperação moçambicana, embora se conheça hoje mais segurança no país do que antes dos acordos de Incomati.

A paz, no entanto, ainda está longe. Melhor ainda, a paz já esteve mais longe. Após uma longa série de contactos a nível inferior, as autoridades de Maputo representadas por Jacinto Veloso e da Renamo, representados por Evo Fernandes, secretário-geral do movimento, entraram em negociações directas, a fazer as declarações dos opositores ao regime de Samora Machel.

São grandes as exigências da Renamo, apoiadas numa situação militar que colocaria os guerrilheiros à porta de Maputo, o que parece um exagero. Exigem os rebeldes a partilha do poder, o fim do regime do partido único, a dissolução da assembleia popular e a chefia dum governo de reconciliação nacional e das forças armadas, caso Samora Machel continue na presidência.

Para uma organização que perdeu, por força dos acordos de Incomati, a sua base principal, convenhamos que é pedir muito numa altura em que as forças armadas moçambicanas têm maiores promessas de apoio e conquistam um maior controlo da situação militar. Seja como for, nestas situações, é a diplomacia a arma mais eficaz e é essa que Machel gosta de empunhar.

Por isso, além de permitir a negociação dos termos da paz entre moçambicanos, como forma única de garantir a subsistência do Estado e de vencer a luta pela dignidade, Samora Machel deslocou-se recentemente aos países do Leste europeu e convidou Álvaro Cunhal a visitar Maputo. Terá explicado aos seus interlocutores e irá provavelmente explicar ao secretário-geral do Partido Comunista Português, que a sua viagem ao Ocidente não significa o fim dum relacionamento preferencial com os seus companheiros ideológicos.

Poucos serão os que terão coragem para criticar a sua decisão e dizer-lhe que está a traiçar os princípios básicos do Terceiro Mundo. Se o fizeram, desconhecem que nas relações internacionais raramente sobressaem dingentes com a capacidade negocial de Samora Machel, e que se o presidente moçambicano se impôs entre os dingentes africanos foi porque teve a coragem e a visão política de agarrar a oportunidade dum futuro viável surgida em circunstâncias adversas.